

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

RODRIGO AYRES ITO BUENO



**A MEDIAÇÃO PARENTAL DAS REDES SOCIAIS DE FILHOS
ENTRE 6-12 ANOS**

São Paulo
2025

RODRIGO AYRES ITO BUENO

**A MEDIAÇÃO PARENTAL DAS REDES SOCIAIS DE
FILHOS ENTRE 6-12 ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr.

São Paulo

2025

RESUMO

A pesquisa que resultou neste trabalho de conclusão de curso se caracterizou como qualitativa, de caráter exploratório, e buscou compreender como os pais de crianças no período da infância até a pré-adolescência se posicionam e agem com relação ao uso da internet por suas crianças em momentos de lazer não supervisionados. O estudo foi realizado no território brasileiro e os participantes foram duas mães e dois pais de crianças de idades entre 6 e 12 anos. Os critérios de inclusão dos participantes na pesquisa foram: idade da criança (filha/filho) e uso regular de redes sociais por parte da criança com períodos não supervisionados pelos cuidadores. Os participantes deram seus depoimentos por intermédio de uma entrevista que seguiu um breve roteiro de orientação, caracterizando-se como semiestruturada. A análise e discussão dos depoimentos foram feitas por intermédio da interlocução com a bibliografia levantada sobre os seguintes temas: impactos do uso de internet sobre as crianças, estilos parentais de cuidado, riscos psicológicos e sociais para crianças ao usar a internet, e métodos de intervenção e/ou monitoramento dos cuidadores em relação ao consumo de mídias digitais pelas crianças. Os resultados e a conclusão apontam que os pais e mães entrevistados se preocupam com a manipulação a que as crianças estão suscetíveis quando exploram a internet sem supervisão, bem como estão conscientes sobre como alguns sites ou aplicativos voltados para crianças se aparentam inofensivos, mas podem ter efeitos nocivos para a saúde mental de crianças. A tendência dos pais/cuidadores contemporâneos de evitarem uma mediação totalmente restritiva do uso da internet revela uma perspectiva relevante para investigações que busquem compreender a onipresença da tecnologia na vida de crianças e jovens, especialmente no que diz respeito ao momento em que seu uso se torna inevitável e integrado ao cotidiano.

palavras-chave: Psicologia; Uso da Internet; Desenvolvimento Infantil; Mediação Parental; Controle de Mídia Social; Crianças.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. Questões norteadoras para a pesquisa	6
2. REVISÃO	7
2.1 Acesso à rede de internet no Brasil contemporâneo	7
2.2 Evolução do uso de aparelhos digitais	7
2.3 Impactos do uso de internet	8
2.4 Estilos parentais	10
2.5 Riscos psicológicos e sociais para crianças ao usar a internet	11
2.6 Métodos de intervenção/ monitoramento do consumo de mídia das crianças	12
3. MÉTODO	14
3.1 Construção do instrumento de pesquisa	14
3.2 Pesquisa qualitativa	15
3.3 Entrevista	15
3.4 Critérios de Seleção dos Participantes	16
3.5 Considerações éticas	16
3.6 Roteiro final de entrevista utilizado	16
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	17
4.1 Categorias temáticas	17
4.2 Limitações do estudo	19
5. CONCLUSÃO	20
6. REFERÊNCIAS	21

INTRODUÇÃO

Organizar estratégias para o uso seguro da internet para seus filhos é uma das mais novas questões que os pais precisam ponderar, seja para maximizar os benefícios, seja para proteger dos perigos existentes nas interações na rede.

Esta não é uma discussão simples, pois está fortemente ligada com o estilo parental, que envolve a relação entre as expectativas dos pais e as realizações das crianças, o grau de instrução e o conhecimento do funcionamento das interações na rede de internet por parte dos pais, a reação das crianças quanto aos limites impostos e como eles são exercidos pelos pais.

A preocupação sobre a exposição das crianças a conteúdos inapropriados ou conteúdos que necessitem da presença ou do auxílio de um adulto para entendimento, existe desde sempre, mesmo antes da criação da Internet.

Com a democratização do uso da internet, ampliado pela crescente disponibilidade do uso de aparelhos pessoais (celular, tablets etc.), houve um aumento dessa preocupação em controlar/ monitorar os conteúdos aos quais as crianças são expostas no ambiente virtual.

As múltiplas formas de interações com conteúdos digitais podem ser consideradas meios de inserção social, tornando difícil para os cuidadores a decisão de rejeitar ou afastar as crianças do uso da rede como um todo, já que isso pode acabar trazendo repercussões negativas, como o de as apartar da cultura maior em que estão inseridas, gerando algum tipo de segregação.

Este trabalho buscou explorar como os pais/cuidadores/responsáveis de crianças no período da infância até a pré-adolescência se posicionam e agem com relação ao uso da internet por elas em momentos de lazer não supervisionados. É um tema que ganha importância, considerando-se a crescente importância desta tecnologia, do uso de celulares e das redes sociais na vida das pessoas.

Com o desenvolvimento da tecnologia, todo ano vemos cada vez mais a disponibilidade de conteúdos para livre acesso (ex: *YouTube*®, *TikTok*®), redes sociais para

diversos nichos de mercado (ex: *Facebook*®, *Instagram*®, *Twitter*®), jogos *on-line*, serviços de mensagem (Ex: *WhatsApp*®) etc.

No caso do Brasil, é comum encontrar que os responsáveis pelas crianças não sejam apenas os pais, mas tios, avós, irmãos. Para fins deste trabalho, foi considerado o adjetivo “parental”, mesmo não sendo o pai e mãe os responsáveis pela criança. O termo cuidador pode ser utilizado também como sinônimo para pais/responsáveis.

Questões norteadoras iniciais para a pesquisa

- 1- Qual o nível de conhecimento dos pais sobre o funcionamento da internet e sobre o acesso e disponibilização de conteúdos digitais?;
- 2- Qual é a forma mais comum de se lidar com os conteúdos disponibilizados pela internet pelos pais?;
- 3- Quais os principais perigos identificados pelos pais pelo consumo das mídias digitais pelas crianças?;
- 4- Quais são as principais formas apresentadas pelos pais para acompanhar o uso da rede pelas crianças?;
- 5- Existem métricas e, se sim, quais as mais utilizadas pelos pais para se avaliar o tempo de uso e qualidade das interações sociais das crianças através da rede?;
- 6- Pensamentos dos pais quanto ao seu próprio uso de mídias sociais;
- 7- Quais os motivos que levam pais a disponibilizarem o acesso à internet para os filhos?;
- 8- Como os pais descrevem o jeito de cuidar de sua criança?;
- 9- Como os filhos veem o jeito que seus pais regulam seu uso da internet?;
- 10- Qual a principal forma de acesso à internet por estas crianças?;
- 11- Quanto tempo estas crianças passam na internet?

2. REVISÃO

Nos tópicos a seguir, temos uma breve contextualização do uso da rede por crianças, possíveis efeitos deste uso e posturas de pais em relação a estas atividades.

2.1 Acesso à rede de internet no Brasil contemporâneo

A acessibilidade à internet cresce de forma acelerada pelo mundo inteiro, sendo que o Brasil não é uma exceção. A pesquisa realizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2022, aponta um crescimento do acesso à internet pelos estudantes de 10 anos ou acima, de 84,7% a 87,2% com relação ao censo do ano anterior.

O uso da internet possibilita a realização de diversas atividades, sendo as mais relevantes o uso para conversar por chamadas de vídeo ou voz (94,4%), enviar e receber mensagens (92%), assistir vídeos, séries e programas (88,3%), e usar redes sociais (83,6%) de acordo com o mesmo estudo (IBGE, 2022).

2.2 Evolução do uso de aparelhos digitais

Nikken e Schols (2015) avaliam que a decisão de possuir um dispositivo digital com acesso à internet (seja um celular ou um computador) está mais relacionada com a idade e o conhecimento digital (*media skills*) de quem usa do que com a preocupação dos pais quanto o uso de eletrônicos pelas crianças.

De acordo com o estudo de Sozio et al. (2015), o Brasil tem a maior porcentagem de crianças entre 9 e 10 anos de idade que possuem contas em mídias sociais na amostra total das crianças entrevistadas na pesquisa, sendo que entre os países participantes da pesquisa está em segundo lugar, empatado com a Romênia. Os pesquisadores relatam quais dispositivos são mais usados para o acesso à rede de acordo com idade, sendo que os computadores (PC) são usados mais frequentemente por jovens abaixo de 15 anos; já os jovens com 15 anos ou mais reportam usar mais seus celulares.

Em Chiong e Shuler (2010) é possível verificar que o consumo de conteúdo infantil

se tornou acessível para as crianças desde muito cedo, mesmo que elas ainda tenham funções motoras em desenvolvimento. De acordo com as pesquisadoras, mesmo numa etapa da vida em que as habilidades motoras da criança estão em processo básico de organização, elas já são capazes de utilizar destas tecnologias para seu entretenimento, apesar das dificuldades de entendimento e manuseio das interfaces das plataformas. Além disso, as autoras observam que estas dificuldades não são um empecilho para o interesse da criança em interagir com o aparelho digital (CHIONG; SHULER, 2010).

2.3 Impactos do uso de internet

Estudos feitos por Slater et al. (2017) documentaram de forma estruturada e organizada os efeitos da prolongada exposição a dispositivos eletrônicos em crianças, apresentando respostas de como este universo pode ser explorado pelos cuidadores, levando em consideração os medos dos cuidadores e desejos das crianças, bem como as oportunidades e a realidade ao seu redor.

Outro ponto a ser observado é o impacto físico no cérebro das crianças. A imensa quantidade de estímulos sonoros e visuais que constantemente bombardeiam o usuário pode facilmente manter a criança entretida por muito tempo, algo que pode resultar em problemas relativos ao seu temperamento e atenção.

Takeuchi et al. (2018) apontam que o uso prolongado de internet causa diminuição na inteligência verbal, habilidade de se concentrar e memória, mostrando que, independentemente do conteúdo disponibilizado da criança, o uso sem freios pode causar aumentos no volume de substância branca/cinzenta em áreas do cérebro que lidam com o processamento de linguagem, atenção e ações executivas, emoções e o sistema de recompensa.

Os estudos feitos por Slater et al. (2017), Livingstone et al. (2017), e Yu e Park (2017) apontam que os jovens são influenciados pelas mensagens resultantes de seus programas favoritos, tanto na internet como na televisão, sendo elas óbvias ou sutis. Foi verificado que mesmo jogos inofensivos podem ter um efeito negativo na autoestima quando se trata da aparência. Na pesquisa de Slater et al. (2017), feita com 80 meninas do Reino Unido, entre 8 e 9 anos, a estratégia metodológica dos pesquisadores foi expor estas crianças a jogos online com ênfase em aparência. Como resultado, eles concluíram que estes jogos levaram

as meninas a terem maior angústia quanto à sua aparência do que o grupo controle que não foi exposto a estes jogos. Portanto, mesmo jogos inofensivos podem ter um efeito negativo na autoestima quando se trata da aparência pessoal (Slater et al., 2017).

O efeito da mídia também pode influenciar a perspectiva de jovens e seus desejos de consumo. Esta foi uma das conclusões do estudo feito por Livingstone et al. (2017) com 562 crianças espanholas e holandesas. Os pesquisadores concluem que jogos feitos com o intuito de promover produtos alimentares calóricos têm o efeito desejado, incentivando o consumo dos alimentos apresentados (uma prática conhecida como “advergames”). Já o grupo controle para o qual foram apresentados os jogos que foram feitos com metas diferentes não demonstrou a mesma disposição para este comportamento

Crianças que passam muito tempo online podem experimentar sentimentos de isolamento e depressão. O uso aumentado da Internet limita a quantidade de tempo disponível para socialização presencial com amigos e família. A natureza instantânea e artificial da estimulação oferecida pela Internet também pode deixar um jovem entediado com a mundanidade comparativa e o ritmo mais baixo da vida cotidiana. Além disso, a vasta quantidade de informações disponíveis online pode comprometer o desenvolvimento cognitivo de uma criança e levar a sintomas como estresse e fadiga (Alsehaima; Alanazi, 2018; Ricci; Larroque, 2023).

Esse problema é exacerbado pelo fato de muitas das informações não serem moderadas por adultos e as crianças pequenas não terem a capacidade de avaliar a credibilidade das fontes.

Pesquisas sugerem que entre as comorbidades psicopatológicas mais fortemente correlacionadas com o uso patológico da Internet entre crianças e adolescentes estão a depressão e sintomas de TDAH. Associações foram relatadas como sendo maiores entre os homens em todos os grupos etários. O uso diário de sites de redes sociais por mais de duas horas foi associado a uma autoavaliação ruim da saúde mental e experiências de altos níveis de angústia psicológica e ideação suicida (Yu; Park, 2017; Ricci; Larroque, 2023).

O vício em Internet é frequentemente relacionado a distúrbios psiquiátricos e a presença desses distúrbios em indivíduos com este vício é a regra e não a exceção.

2.4 Estilos parentais

Com relação ao nível de exigência (alto ou baixo) e nível de responsabilidade (alto ou baixo), MacCoby e Martin (1983) criam uma tipologia de quatro estilos parentais:

- ✓ indulgente (pais muito responsivos, mas pouco exigentes);
- ✓ autoritário (pais muito exigentes, mas pouco responsivos);
- ✓ autoritativo (pais com elevada responsividade emocional e exigência);
- ✓ não envolvido (pais com baixa responsividade emocional e exigência).

Baumrind (1991) expande este conceito e explica os estilos parentais, definindo que cada um deles reflete padrões naturais de comportamento parental, valores, práticas e comportamentos, e um equilíbrio distinto de capacidade, resposta e exigência.

Segundo a pesquisadora, pais indulgentes são mais responsivos do que exigentes. Eles não são tradicionais e tolerantes, não exigem comportamento maduro, permitem uma autorregulação considerável e evitam o confronto. Os pais indulgentes podem ser divididos em mais duas categorias: pais democráticos (embora tolerantes, são mais conscientes, engajados e comprometidos com a criança) e pais não-diretivos (Baumrind, 1991).

Pais autoritários costumam ser muito exigentes e diretivos, mas não responsivos: são orientados para a obediência e o status, e esperam que suas ordens sejam obedecidas sem explicação. Eles buscam criar ambientes bem estruturados com regras claramente definidas e podem ser divididos em dois tipos: diretivos não autoritários, isto é, são diretivos, mas não intrusivos ou autocráticos no uso do poder, e diretivos autoritários, que são altamente intrusivos (Baumrind, 1991).

Pais autoritativos são exigentes e receptivos, buscando monitorar e transmitir padrões claros para a conduta de seus filhos. São assertivos, mas não intrusivos e restritivos. Seus métodos disciplinares são de apoio, em vez de punitivos. Eles querem que os filhos sejam assertivos, bem como socialmente responsáveis, e cooperam para que as crianças aprendam a se autorregular emocionalmente (Baumrind, 1991).

Pais não envolvidos demonstram baixa capacidade de resposta e exigência. Em casos críticos, esse estilo parental costuma envolver rejeição e/ou negligência parental, embora a maioria dos pais que costuma fazer uso deste estilo de cuidado não seja

negligente ou rejeitador na maior parte das vezes (Baumrind, 1991).

Finalmente, cabe ressaltar que os estilos parentais são tipologias e não uma combinação linear de capacidades de resposta e exigência. Cada estilo parental está além e é diferente do que uma mera soma das capacidades relacionadas especificamente a cada um deles por Diana Baumrind.

2.5 Riscos psicológicos e sociais para crianças ao usar a internet

Alsehaima e Alanazi (2018) propõem que crianças com fácil acesso à Internet podem se tornar menos capazes de separar fato de ficção. Segundo as pesquisadoras, a Internet não tem filtro e nem revisão por pares, então, qualquer um pode publicar o que quiser. No artigo das pesquisadoras, elas afirmam que educadores também se preocupam com o fato de a comunicação informal comum em salas de bate-papo ter sido transferida para ambientes acadêmicos, isso porque estudantes que enfrentam tarefas de casa desafiadoras e redações estão se tornando mais propensos a plagiar fontes da Internet. No mesmo estudo é apontado que a conduta de multitarefa que muitas crianças praticam enquanto estão no ambiente online reduz o tempo de atenção delas, tornando a concentração intensa em uma única tarefa mais difícil. Ver conteúdo violento ou sexualmente explícito regularmente também pode contribuir para o aumento da agressividade, indiferença em relação ao sofrimento e intimidade ou incapacidade de diferenciar a vida real da simulação (Alsehaima; Alanazi, 2018).

Em uma pesquisa feita por Livingstone et al. (2014) com crianças europeias, com idades entre 9 e 16 anos, os principais fatores de risco do uso da Internet foram identificados como pornografia (22%), *cyberbullying* (19%) e conteúdo violento (18%). Além disso, o uso intenso da Internet por adolescentes tem sido associado a um aumento da ansiedade social e hostilidade.

Portanto, a partir do que se discutiu neste tópico, é possível concluir que as redes sociais, em particular, podem trazer benefícios na forma de permitir que os jovens formem facilmente grupos e comunidades online, mas também têm consequências negativas, pois podem levar alguns indivíduos a se sentirem alienados e rejeitados.

2.6 Métodos de intervenção/ monitoramento do consumo de mídia das crianças

Foram identificados por Livingstone et al. (2017) formas distintas dos pais intervirem em relação ao uso de aparelhos como celulares e tablets pelas crianças. Tais formas não são mutuamente exclusivas, podendo ser encontradas em diferentes momentos do cotidiano e podem ser alteradas de acordo com o desenvolvimento da criança.

Além disso, foram identificados pelos mesmos autores os cinco modos mais usados pelos próprios cuidadores da criança:

- *mediação restritiva*, colocando limites no conteúdo ou no tempo da utilização dos dispositivos digitais;
- *mediação ativa*, que envolve um contato entre o responsável e a criança sobre aquilo com o que ela interagiu anteriormente no dispositivo digital, contextualizando a vivência e estimulando o pensamento crítico, promovendo uma melhor qualidade de apreensão de conhecimento e de segurança no uso;
- *mediação ativa que inclui o uso conjunto da mídia pela criança e pelos pais*, na qual os pais não apenas usam o aparelho junto com a criança, mas ativamente interagem com o conteúdo que está destinado a ela, seja apenas por entretenimento ou para fins educacionais;
- *supervisão através de um monitoramento à distância*, apenas entrando em contato quando uma situação crítica acontece e exige uma intervenção direta. Esta forma de mediação também pode ser realizada de forma assíncrona, em que, por meio do histórico da criança que o dispositivo registra de forma contínua, a intervenção pode ocorrer mesmo que o responsável não esteja no momento da interação problemática;
- *utilização das próprias ferramentas disponíveis nas plataformas de entretenimento*, que também é considerada uma forma de mediação do conteúdo, requerendo maior conhecimento sobre o aparelho digital.

Como resultado da pesquisa que realizaram, Warren e Aloia (2019) propõem uma relação entre uma abordagem autoritativa dos cuidadores e o uso de técnicas de manejo restritivas, enquanto cuidadores com abordagens menos controladoras têm maior relação

com a mediação restritiva e permissiva.

De acordo com Ricci e Larroque (2023), a ideia de privar as crianças destes aparelhos é irrealista e, portanto, o uso dos diferentes métodos de manejo oferece um maior controle sobre o uso e direção da interação da criança com os conteúdos que ela presencia enquanto usa o aparelho, deixando-a segura à medida que explora uma realidade além daquela com a qual tem contato cotidianamente.

Em Montandon e Longchamp (2003¹ apud Montandon, 2005), vemos que a questão sobre a eficácia das formas de controles parentais que podem proteger as crianças dos conteúdos desagradáveis ou ainda inapropriados pode ter uma maior proteção quando se trata das mensagens explícitas e implícitas que influenciam seu desenvolvimento de forma negativa, sem infringir na sua capacidade de explorar e descobrir o mundo usando sua própria potência, construindo-se como indivíduos capazes de ter autonomia.

¹ MONTANDON, C.; LONGCHAMP, P. L'expérience de l'autonomie chez l'enfant: une question récurrente dans la socialisation de l'enfant. Genève: Université de Genève, 2003.

3. Método

3.1 Construção do instrumento de pesquisa

O objetivo principal foi levantar e discutir as práticas realizadas pelos cuidadores de crianças de 6 anos a 12 relacionadas ao uso da internet e relacionadas com o estilo parental apresentado por estes cuidadores. Existe muita literatura sobre este tema, porém, com a velocidade das mudanças e das inovações no campo da tecnologia, dos jogos e das redes sociais, pode ser que o mapeamento destas práticas esteja desatualizado.

Como objetivo secundário, buscou-se identificar indicadores/métricas que estes cuidadores usavam para avaliar o tempo de uso e qualidade das interações sociais das crianças na rede de internet.

Para atingir o objetivo deste estudo, inicialmente foi realizado um levantamento da literatura disponível relativa aos últimos cinco anos de publicação, especialmente no Brasil, visando compilar algumas das diversas formas de mediar e controlar o uso da rede pelas crianças, e buscando identificar as relações entre as diferentes perspectivas sobre o uso da internet e as formas de lidar com este uso. Espera-se também avaliar as consequências relacionadas ao uso irrestrito da internet pelas crianças sem a supervisão dos pais/responsáveis. O resultado deste levantamento e sua discussão foi apresentado na Introdução deste trabalho.

Quanto ao método de trabalho escolhido para realização da etapa empírica da pesquisa que resultou no presente trabalho, tratou-se de uma pesquisa qualitativa com utilização da estratégia de entrevista semidirigida e da utilização de um formulário on-line para a captação de participantes.

Espera-se que este trabalho seja um ponto de partida para direcionar futuros estudos nesta mesma temática com escalas maiores de participantes.

Acredita-se que a discussão aqui apresentada a partir das repostas e perspectivas dos pais expressas nas entrevistas realizadas podem ser usadas em pesquisas futuras sobre o impacto que a internet tem sobre o desenvolvimento das crianças e sobre a forma pela qual elas interagem com as outras pessoas, seja de forma presencial, seja virtualmente.

No que diz respeito ao contexto dos profissionais que eventualmente se deparem com demandas relativas ao uso da internet e das redes sociais pelas crianças em suas práticas, espera-se que a apresentação da discussão que será feita a seguir sobre as diferentes visões dos entrevistados sobre a internet e como a abordam seja útil para fomentar intervenções que possam favorecer dinâmica relacionais mais saudáveis entre pais e crianças dentro da família.

3.2 Pesquisa qualitativa

O método de pesquisa qualitativa aqui adotado se mostrou adequado, considerando os aspectos subjetivos do tema de pesquisa escolhido. Além disto, como na literatura não existem indicadores relacionados a este tema, a abordagem qualitativa se mostrou também mais flexível, permitindo capturar em todas as respostas, além do que foi dito, tudo aquilo que não foi verbalizado, mas expresso subliminarmente durante o processo das entrevistas.

3.3 Entrevista

Segundo Martins e Theóphilo (2009), a entrevista é uma técnica de pesquisa para coleta de informações, dados e evidências, cujo objetivo básico é entender/compreender o significado que entrevistados atribuem a questões e situações em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador.

Enfatizando o que foi exposto, Martins e Theóphilo (2009) afirmam que o roteiro de entrevista como orientações para uma conversação objetiva deve estar ancorado em um referencial que dê suporte teórico ao estudo e, obviamente, de acordo com os propósitos do estudo.

Segundo Creswell (2010), algumas vantagens podem ser identificadas no uso deste tipo de entrevista:

- ✓ útil quando os participantes não podem ser observados diretamente;
- ✓ os participantes podem fornecer informações históricas;
- ✓ permite ao pesquisador controlar a linha do questionamento.

3.4 Critérios de Seleção dos Participantes

Os participantes da pesquisa que resultou no presente trabalho de conclusão de curso foram pais/cuidadores de crianças entre 6 e 12 anos de idade que frequentavam diferentes períodos do processo de escolarização.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos participantes foram: mãe, pai ou cuidador/responsável por criança de no mínimo 6 e máximo de 12 anos que fizesse uso regular de redes sociais.

Os critérios de exclusão foram: mãe, pai ou cuidador/responsável por crianças com alguma condição cognitiva e/ou neurodivergente que dificultasse sua interação com as redes sociais; responsáveis por crianças entre 6 e 12 anos que não permitiam o uso de redes sociais pelos filhos e/ou que não se mostrassem à vontade para falar do tema.

3.5 Considerações éticas

O projeto de pesquisa que culminou neste trabalho foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, por meio da Plataforma Brasil (CAAE 86174724.7.0000.5482 e parecer consubstanciado de número 7.415.212).

3.6 Roteiro final de entrevista utilizado

- ✓ como você descreve seu modo de educar seu/sua filho/a (estilo parental)?;
- ✓ como você descreve seu uso de internet? E o de seu/sua filho/a?;
- ✓ você diria que seu jeito de lidar com a criança muda quando o uso da tecnologia digital está envolvido?;
- ✓ quais fatores você acredita serem importantes ao falar sobre o uso de tecnologia por crianças?

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

Quatro pais foram entrevistados na construção desta pesquisa.

O primeiro, nomeado Elias², é um homem de 36 anos com duas filhas, uma de 6 e outra de 4 anos. As perguntas foram direcionadas à relação com a filha mais velha.

O segundo entrevistado, nomeado para este estudo como Emanuel, é um pai de 44 anos com dois gêmeos de 9 anos.

A terceira entrevistada, uma mãe de 50 anos aqui nomeada como Romilda, tem duas filhas, uma de 14 anos e outra de 12. As perguntas da pesquisa foram voltadas para a relação dela com a filha mais nova.

A última entrevistada foi uma mãe de 69 anos com uma filha de 8 anos de idade, aqui sendo mencionada como Rayane.

4.1 Categorias temáticas

a) Estilo parental como método de mediação

Elias identifica seu estilo parental através de uma comparação com sua própria infância, afirmando procurar respeitar a autonomia de sua filha ao mesmo tempo que mantém regras previamente discutidas que promovem uma diversificação entre o lazer, as obrigações dentro e fora do ambiente familiar e o tempo que ela compartilha conjuntamente com os pais. De acordo com esta explicação, seu estilo parental segundo Baumrind (1991) pode ser classificado como autoritativo, por incluir a própria filha na criação de regras, e levar em consideração as atividades que a interessam na organização de sua rotina, ao mesmo tempo que propicia à filha uma diversidade de atividades ao longo da semana.

Emanuel apresentou considerações que permitem caracterizar seu estilo parental como indulgente/permissivo, uma vez que busca criar um ambiente seguro onde seus dois filhos podem tomar suas próprias decisões para que possam agir autonomamente na ausência dos pais. Baumrind (1991) caracterizou a postura parental indulgente como uma relação em que os pais priorizam as demandas e necessidades da criança.

² Os nomes adotados no trabalho para fazer referência aos quatro participantes são todos fictícios.

Romilda e Rayane se descreveram durante a entrevista como mães mais autoritárias, sendo que Romilda mantém limites claros para suas filhas, embora reconheça ser mais permissiva quando tenta manejar o uso de internet de suas filhas.

Por sua vez, Rayane impõe limites e restrições sem explicar seus motivos ou omitindo detalhes para evitar atrito, ao mesmo tempo que se mantém presente de forma constante na vida de sua filha.

b) Familiaridade

Elias e Emanuel alegam possuir grande familiaridade com a internet.

Elias utiliza ferramentas disponíveis nos dispositivos para restringir certas redes sociais e tempo de uso. Ele afirma ter conhecimentos equiparáveis aos da sua filha, sendo que os dois utilizam a internet múltiplas vezes ao dia, tanto para lazer como para cumprir obrigações de trabalho e escola, respectivamente.

Na mediação do uso de internet, Emanuel explicou sua utilização de todas as cinco técnicas categorizadas por Livingstone et al. (2017), monitorando pessoalmente o uso de sites pelos gêmeos e fazendo uso de um controle parental que funciona como modelo para eles, utilizando o dispositivo juntamente com as crianças e intervindo em situações críticas ou quando recebe um pedido direto de um dos filhos. Emanuel utiliza a internet todo dia, tanto para lazer quanto trabalho, e deseja ensinar o que sabe aos seus filhos, promovendo a confiança que tem para que eles procurem resolver seus próprios dilemas sem muita interferência parental.

Romilda relata ter se tornado mais aberta ao uso de dispositivos por parte de suas filhas durante a pandemia, quando comprou celulares e posteriormente um *tablet* para ser utilizado durante os estudos à distância. Ressalta que o uso de internet está evoluindo de forma rápida, tornando assim impossível para os pais acompanharem as mudanças de forma constante, ou exigindo deles constante monitoramento do uso da internet pelas crianças, e lamenta que esta é uma dificuldade para a qual ainda não encontrou respostas.

Rayane foi a única entrevistada que não é muito familiarizada com a internet, mas busca conhecer mais para poder educar sua filha a utilizá-la de forma produtiva e se manter segura. Mesmo reconhecendo que sua filha tem mais familiaridade e habilidade com o uso de dispositivos, ressalta a falta de experiência/maturidade da filha para identificar quando

outras pessoas podem estar com más intenções. A entrevistada tem uma postura mais cautelosa com sua filha, e só comprou um celular para ela recentemente, sendo que restringe o tempo de uso e os aplicativos que a menina pode acessar, mas acrescenta que o uso das ferramentas do próprio dispositivo para monitorar o uso da criança é utilizado pelo pai, já que ela própria ainda não entende como funciona.

c) Percepções sobre a internet

Durante a entrevista, Elias levantou os pontos de preocupação quanto aos perigos relacionados ao uso de internet, como o anonimato das pessoas que podem interagir com a filha, o impacto que as mídias sociais podem ter na autoestima dela e o fomento ao consumismo presente nas redes sociais.

Emanuel apresentou uma visão mais positiva quanto ao uso da tecnologia por crianças do que os outros entrevistados, advogando os benefícios que a internet traz, como a autonomia e ela ser uma fonte de conhecimento, enquanto nega a possibilidade de proibir completamente o uso da tela³ pelos filhos por causa da permanência que esta tecnologia terá para a geração deles.

Em relação às suas filhas, Romilda nota uma grande dependência da internet em momentos de ócio. Segundo ela, mesmo que as garotas cumpram suas obrigações escolares ou extracurriculares, elas mantêm seus momentos de lazer realizando atividades na internet.

Rayane identifica no uso de internet por crianças um perigo para o aumento de violência, como resultado de notícias às quais tem acesso sobre crimes cometidos por outras pessoas jovens.

4.2 Limitações do estudo

Inicialmente, a proposta da pesquisa que resultou neste trabalho era a de ouvir também as crianças sobre o uso da internet e para entender como elas identificariam os estilos de monitoramento dos pais/responsáveis quanto a este uso. No entanto, por questões alheias à vontade do autor-pesquisador, apenas os testemunhos dos pais foram

³ “uso da tela” é utilizado por ele no sentido de as crianças utilizarem celular e tablet, bem como os serviços de internet (jogos, redes sociais, entre outros).

colhidos em entrevistas e utilizados na formulação da análise apresentada. Sendo assim, para a formulação de uma análise mais completa da relação entre os pais e os filhos no que diz respeito ao uso da internet e das tecnologias digitais, entrevistas com as crianças teriam certamente trazido outras contribuições para o entendimento do fenômeno objeto deste trabalho.

5. Conclusão

Mesmo com um número limitado de entrevistados, e sem que as crianças pudessem ser ouvidas em entrevista, a pesquisa que resultou no presente trabalho mostrou que os resultados encontrados em trabalhos anteriores, como o de Livingstone et al. (2017), que ressalta a manipulação a que crianças são suscetíveis quando exploram a internet sem supervisão, e o estudo de Slater et al. (2017), segundo o qual mesmo sites ou aplicativos que se aparentam inofensivos podem ter efeitos nocivos na saúde mental de crianças, ainda são preocupações dos pais atualmente. A possível propensão de cuidadores atuais de rejeitarem uma mediação totalmente restritiva do uso da internet tem méritos para uma diferente pesquisa sobre o quão onipresente a tecnologia está na vida de crianças e jovens e em qual momento ela se torna inescapável.

Muitas das fontes utilizadas neste estudo, por terem já alguns anos de publicação, podem não ser tão representativas do cenário atual. Este trabalho pode servir como base para o desenvolvimento de estudos futuros que busquem se aprofundar em certos tópicos levantados, como saúde mental, violência e a própria mudança da postura dos pais frente às dificuldades e benefícios criados pela internet.

6. Referências

ALSEHAIMA, A.; ALANAZI, A. A. Psychological and Social Risks to Children of Using the Internet: Literature Review. **Journal of Child & Adolescent Behavior**, v. 6, n. 5, Mar. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/329319477_Psychological_and_Social_Risks_to_Children_of_Using_the_Internet_Literature_Review>. Acesso em: 18 abr. 2025.

BAUMRIND, D. The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. **The Journal of Early Adolescence**, v. 11, n. 1, p. 56-95, Feb. 1991. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/02724316911111004#core-collateral-purchase-access>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CHIONG, C.; SHULER, C. **Learning: Is there an app for that?** Investigations of young children's usage and learning with mobile devices and apps. New York: The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop, 2010. Disponível em: <https://clalliance.org/wp-content/uploads/files/learningapps_final_110410.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 296p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. **161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país em 2022**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022>>. Acesso em: 07 junho 2024.

LIVINGSTONE, S.; KIRVIL, L.; PONTE, C.; STAKSRUD, E. In their own words: What bothers children online? **European Journal of Communication**, v. 29, n. 3, p. 271-288, 2014. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0267323114521045#core-collateral-purchase-access>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LIVINGSTONE, S.; OLAFSSON, K.; HELSPER, E. J.; LUPIANEZ-VILLANUEVA, F.; VELTRI, G.; FOLDVORD, F. Maximizing opportunities and minimizing risks for children online: The role of digital skills in emerging strategies of parental mediation. **Journal of Communication**, v. 67, n. 1, Feb. 2017. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jcom.12277>>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MACCOBY, E.; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: HETHERINGTON, E. M.; MUSSEN, P. H. (orgs.). **Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development**. 4. ed. New York: Wiley, 1983. p. 1-101.

MARTINS, G. de A.; THEÓFILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2009. 264p.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 14 mar. 2025.

NIKKEN, P. SCHOLS, M. How and why parents guide the media use of young children. **Journal of Child and Family Studies**, v. 24, p. 3423-3435, Feb. 2015. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-015-0144-4>>. Acesso em: 07 junho 2024.

RICCI, R. C.; LARROQUE, M. M. Impacts of technology on children's health: a systematic review. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 41, e2020504, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/GMF35s5mBbwfnmcFs93xgQK/>. Acesso em: 07 out. 2024.

SLATER A.; HALLIWELL E.; JARMAN H.; GASKIN, E. More than just child's play?: an experimental investigation of the impact of an appearance-focused internet game on body image and career aspirations of young girls. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 46, p. 2047-2059, Mar. 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10964-017-0659-7.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SOZIO, M. E.; PONTE, C.; SAMPAIO, I. V.; SENNE, F.; ÓLAFSSON, K.; ALVES, S. J.; GARROUX, C. Children and Internet use: A comparative analysis of Brazil and seven European countries. **EU Kids Online**, v. 1, p. 1-19, Jul. 2015. Disponível em: <<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/5/Children%20and%20Internet%20use.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

TAKEUCHI, H.; YASUYKI, T.; ASANO, K.; ASANO, M.; SASSA, Y.; YOKOTA, S.; KOTOZAKI, Y.; NOUCHI, R.; KAWASHIMA, R. Impact of frequency of internet use on development of brain structures and verbal intelligence: Longitudinal analyses, **Human Brain Mapping**, v. 39, n. 11, p. 4471-4479, Nov. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29956399/>. Acesso em: 09 mai. 2025.

WARREN, R.; ALOIA, L. Parenting Style, Parental Stress, and Mediation of Children's Media Use. **Western Journal of Communication**, v. 83, n. 4, p. 483-500, Mar. 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10570314.2019.1582087?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

YU, J. J.; PARK, S. J. Predictors and the distal outcome of general Internet use: The identification of children's developmental trajectories. **British Journal of Developmental Psychology**, v. 35, n. 4, p. 483-497, May 2017. Disponível em: <<https://bpspsychub.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/bjdp.12188>>. Acesso em: 11 nov. 2024.